

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Comunicações apresentadas
ao Colóquio

“Sistemas de povoamento do território português
no decurso do Bronze Final”

(Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012)

ASPECTOS DO CENTRO-NORTE DO OCIDENTE PENINSULAR NO FINAL DA IDADE DO BRONZE: POVOAMENTO, METALURGIA E SOCIEDADE

João Carlos de Senna-Martinez¹

No que respeita à Primeira Idade do Bronze (Bronze Antigo e Médio) as Beiras portuguesas são bem o paradigma da falta de visibilidade arqueográfica do povoamento, que Susana Oliveira Jorge instituiu como paradigma [JORGE, 1996 (1994)]. Já os inícios do Bronze Final representam claramente o inverso, com os principais nodos de um novo sistema de povoamento a ocuparem pontos dos territórios respectivos com grande visibilidade e, sobretudo, com total controlo visual das paisagens envolventes, implantados em pontos da paisagem onde não conhecemos qualquer ocupação anterior². Tal são, nomeadamente, os casos do mundo Baiões/Santa Luzia³ (SENNA-MARTINEZ, 1989, p. 690-691 e Figs. 3.3-3.4; SENNA-MARTINEZ, 1994), bem como da Beira Interior (VILAÇA, 1995).

O conhecimento aprofundado que hoje possuímos sobre o mundo cultural Baiões/Santa Luzia, afirmou-se no decurso dos últimos vinte anos, permitindo caracterizar com alguma segurança diversos aspectos da respectiva sociedade.

O complexo sistema de povoamento deste mundo envolve “lugares centrais”, regularmente dispostos no espaço (Fig.1) e com implantações denotando uma manifesta preocupação com o controle da paisagem envolvente e, entre eles, sítios subsidiários (SENNA-MARTINEZ, 1994 e 2000).

O suporte de cronometria radiocarbónica significativa (Quadro 1) permite-nos considerar que pelo menos alguns destes “lugares centrais” existiam já no último quartel do II milénio a.C.

As áreas úteis estimadas para os sítios de habitat conhecidos permitem agrupá-los segundo três categorias: dois sítios de maiores dimensões, os *Castros da S^a. da Guia* (Baiões) e de *Santa Luzia* (Viseu), com cerca de 1,5 ha; seis de dimensões mais restritas, *Cabeço do Crasto de São Romão* (Seia), *Castro da S^a. do Bom Sucesso* (Chãs de Tavares), *Castro de S. Cosme* (Ervedal da Beira), *Outeiro dos Castelos* (Beijós), *Castainça* (Faíl, Viseu) e *Castelo dos Mouros* (Vila Chã de Sá, Viseu), ocupando cerca de meio hectare; por último, sítios com menos de 50 m², como a *Malcata* (Sobral de Papízios), o *Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira* (Silgueiros) e o *Buraco da Moura de S. Romão* (Seia).

Os dois primeiros tipos de sítio, que consideramos constituírem os principais *nodos* da malha de povoamento estudada (Fig. 1 – SENNA-MARTINEZ, 1994), correspondem a:

¹ Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 LISBOA – PORTUGAL. smartinez@fl.ul.pt

² O caso dos sítios do Cabeço do Crasto e do Buraco da Moura de S. Romão, é paradigmático nesse sentido, no que demonstra de concepções distintas de habitat em períodos sucessivos (SENNA-MARTINEZ, 1995; SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1995).

³ Seguindo uma proposta original de designação de Monsenhor Celso Tavares da Silva para o Bronze Final da Beira Alta (SILVA, 1978).

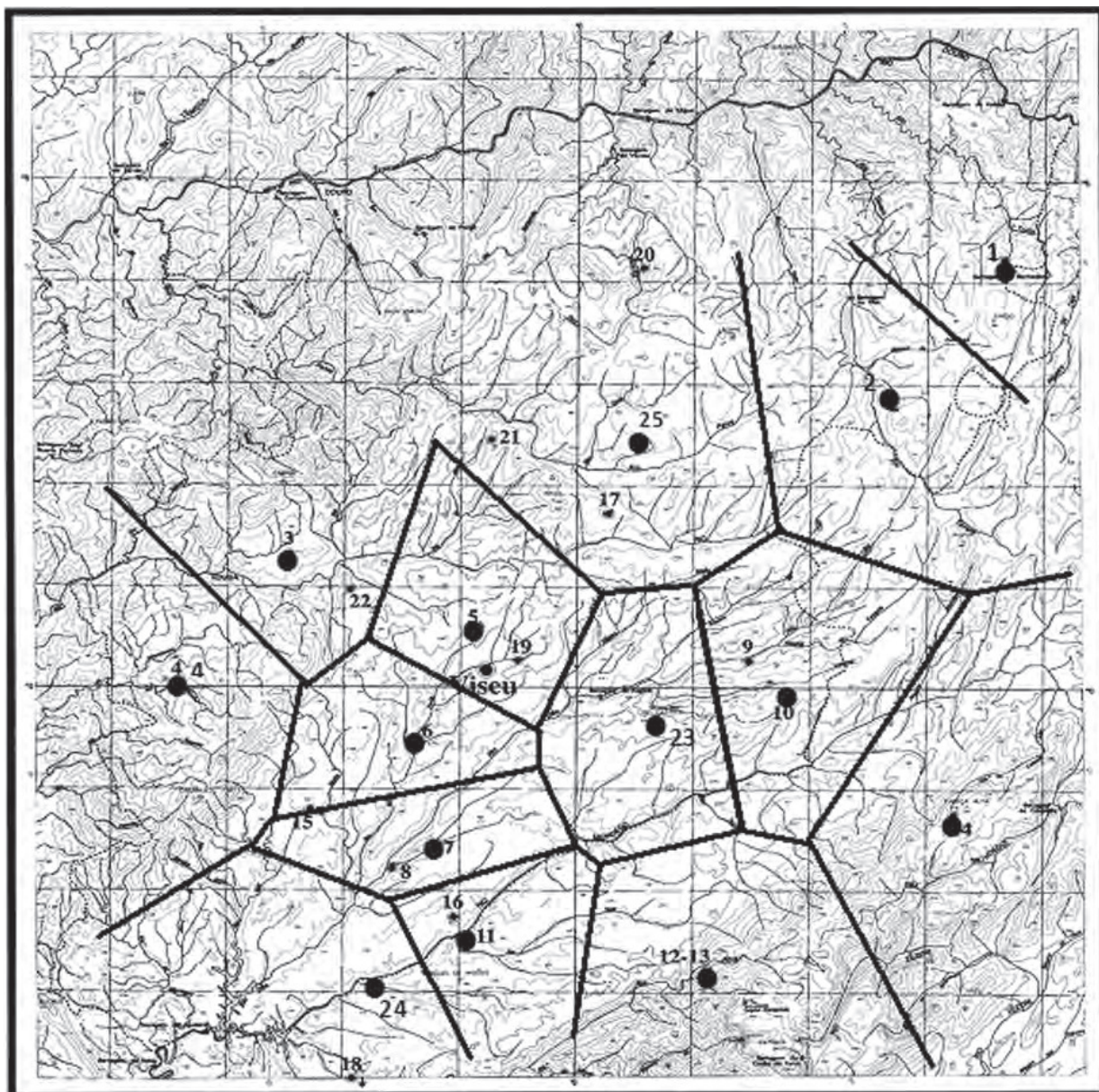


Fig. 1 – A rede de povoamento do Grupo Baiões/Santa Luzia: 1 – Monte Airoso (Penedono); 2 – Senhora das Necessidades (Sernancelhe); 3 – Senhora da Guia de Baiões (S. Pedro do Sul); 4 – Cabeço do Couço (Vouzela); 5 – Santa Luzia (Viseu); 6 – Castelo dos Mouros (Viseu); 7 – Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal); 8 – Malcata (Carregal do Sal); 9 – Castelo de Penalva (Penalva do Castelo); 10 – Senhora do Bom Sucesso (Mangualde); 11 – Castro de S. Cosme (Oliveira do Hospital); 12 – Cabeço do Crasto de São Romão (Seia); 13 – Buraco da Moura de São Romão (Seia); 14 – Cabeço Redondo (Gouveia); 23 – Senhora do Castelo (Mangualde); 24 – Castro da Picota (Tábua); 25 – Canedotes (Vila Nova de Paiva).

Quadro 1 – Datas de Radiocarbono para Contextos Habitacionais do Mundo Baiões/Santa Luzia

Sítio	UE	Ref ¹	Laboratório	Material	Data BP	Cal. BC 2σ1	Bibliografia
CSR	[105]	ICEN-198		bolota carbonizada	2970±35	1312-1055	Senna-Martinez, 2000a
CSR	[16]	ICEN-197		madeira carbonizada	2910±35	1215-1003	Senna-Martinez, 2000a
<i>Soma de probabilidades n=2</i>						<i>1295-1009</i>	
CSR	[25]	ICEN-824		madeira carbonizada	2680±80	1044-747	Senna-Martinez, 2000a
COCB	[21]	SAC-1566		madeira carbonizada	2930±60	1315-973	Senna-Martinez, 2000 ^a
COCB	[46]	SAC-1539		madeira carbonizada	2960±45	1315-1022	Senna-Martinez, 2000a
<i>Soma de probabilidades n=2</i>						<i>1314-1000</i>	
COCB	[25]	SAC-1524		madeira carbonizada	2610±60	906-541	Senna-Martinez, 2000 ^a
CSL	---	ICEN-489		madeira carbonizada	2960±60	1323-1008	Pedro, 1995
CSL	---	ICEN-486		madeira carbonizada	2960±60	1323-1008	Pedro, 1995
<i>Soma de probabilidades n=2</i>						<i>1322-1007</i>	
CSL	---	ICEN-487		madeira carbonizada	2810±100	1224-802	Pedro, 1995
CSL	---	ICEN-405		madeira carbonizada	2920±180	1539-769	Pedro, 1995
<i>Soma de probabilidades n=4</i>						<i>1394-811</i>	
CSG	---	GrA-29095		sementes carbonizadas	2745±45	979-812	Vilaça, 2008
CSG	---	GrA-29097		sementes carbonizadas	2680±40	906-796	Vilaça, 2008
CSG	---	GrA-29098		sementes carbonizadas	2650±35	863-787	Vilaça, 2008
<i>Soma de probabilidades n=3</i>						<i>936-788</i>	
CSG	---	GrN-7484		madeira carbonizada	2650±130	1089-409	Vilaça, 2008
CAN	IA/2B	GrN-24051		madeira carbonizada	2720±60	1000-798	Canha, 2002
CAN	IA/2B	GrN-24052		madeira carbonizada	2870±170	1503-752	Canha, 2002
CAN	IA/2B	GrN-24843		bolota carbonizada	2860±140	1406-799	Canha, 2002
CAN	IA/2B	GrN-24844		madeira carbonizada	2660±60	947-754	Canha, 2002
CAN	IA/2B	GrN-24845		bolota carbonizada	2750±100	1214-763	Canha, 2002
<i>Soma de probabilidades n=3</i>						<i>1386-762</i>	
CAN	IA/2B	GrN-25827		sementes de trigo carbonizadas	2745±45	980-812	Canha, 2002

¹ Datas calibradas con el Programa “Calib 6.0.”.

- Sítio de “montanha” com excepcional domínio da paisagem envolvente a curta, média e longa distância, controlando o acesso a “portelas” e vias tradicionais de passagem de gentes e animais. Será o caso do *Cabeço do Crasto de S. Romão* e, eventualmente, do *Castro do Cabeço Redondo de Gouveia* (SENNA-MARTINEZ, 1989).
- Sítios implantados em relevos bem destacados das superfícies em que se inserem, com controlo da paisagem envolvente a curta e média distância e dominando antigas vias de passagem. Casos dos sítios da *Senhora da Guia* (Baiões – KALB, 1978; SILVA, 1979), *Santa Luzia* (Viseu – SILVA, CORREIA & Vaz, 1984 e 1985; PEDRO, 1995), *Senhora do Castelo* (Mangualde; SENNA-MARTINEZ, 1989) e *Senhora do Bom Sucesso* (Chãs de Tavares – VASCONCELOS, 1917, p. 116; COELHO, 1947; SENNA-MARTINEZ, 1989).
- Sítios implantados em relevos encaixados nos vales dos rios importantes, controlando pontos de travessia tradicionais (vaus). Casos do *Outeiro dos Castelos* (Beijós – SENNA-MARTINEZ, 1993e; SENNA-MARTINEZ, 1994c, e 2000b), do *Castro de São Cosme* (Ervedal da Beira – SENNA-MARTINEZ & COELHO, 1994) e, possivelmente, do *Castelo dos Mouros* (Vila Chã de Sá – PEDRO, 1995), caso que apresenta também algumas características de sítio de montanha.

Pensamos que uma aproximação ao provável respectivo número de habitantes torna evidente o seu carácter diminuto que, pessoalmente, não cremos que, em caso algum, chegasse a ultrapassar as cinco centenas ficando, na maioria dos casos, na casa dos 250 a 300 indivíduos (SENNA-MARTINEZ, 2000 a).

Os elementos secundários e complementares da malha de povoamento seriam então:

- Pequenos relevos localizados em pontos elevados e funcionando, provavelmente, como “atalaias” de alguns dos de tipo anterior. Será o caso do *Cabeço do Cucão* (Pedra Cavaleira – SENNA-MARTINEZ, 1993 a) em relação ao *Outeiro dos Castelos de Beijós* e, eventualmente, da *Penha do Vieiro* (SENNA-MARTINEZ, 1989) em relação a *S. Cosme*.
- Sítios provavelmente destinados a actividades complementares dos de maiores dimensões e suportando pequenos grupos de indivíduos (“casais agrícolas?”), por vezes até com padrões de estabelecimento não-permanentes, caso da *Malcata* em relação com o *Outeiro dos Castelos de Beijós* (SENNA-MARTINEZ, 1993 b), do *Buraco da Moura de S. Romão* em relação com o *Cabeço do Crasto de S. Romão* (SENNA-MARTINEZ, *et al.*, 1993) e, eventualmente, de *Castainça* em relação ao *Castelo dos Mouros*, ou mesmo *Castainça* em relação aos *Três Rios* (Parada de Gonta/Faíl, Tondela/Viseu – PEDRO, 1995).

As reduzidas dimensões dos principais sítios de habitat, bem como a falta de habitações com planta diferenciada ou equipamentos domésticos que possam ser relacionados com um estatuto social de excepção, converte-os em nodos de importância equivalente em cada uma das redes respectivas e seguramente cooperantes, possibilitando a manutenção da circulação de pessoas e bens.

Para que possamos pensar a população regional em termos comparativos, recordemos que, segundo o “Numeamento de 1527-1532”, a cidade de Viseu teria apenas 2295 habitantes e a Vila de Seia cerca de 500. De acordo com Alfredo Fernandes Martins (MARTINS, 1940), o geógrafo do Mondego, a densidade populacional da bacia deste rio no século XVI seria de cinco habitantes por quilómetro quadrado e o nosso cálculo a partir das áreas úteis estimadas dos povoados permite-nos falar de uma densidade de um a dois e meio habitantes por quilómetro quadrado no Bronze Final (SENNA-MARTINEZ, 1999, p. 42). Desta forma resultaria impossível que cada unidade territorial constituída por um sítio de primeiro nível e os casais agrícolas adjacentes fosse independente como unidade de reprodução social.

Esta última constatação apoiada na análise das modas regionais de produção cerâmica (REPREZAS, 2010), permite pensar na existência de diferentes linhagens femininas de oleiras.

Cremos que uma das formas privilegiadas de intercâmbio entre os sítios de cada área e, inclusivamente, mesmo se com mais raridade, entre áreas culturais no Bronze Final da fachada atlântica peninsular (nomeadamente no caso das Beiras portuguesas), poderia ser a circulação de mulheres sob a forma de alianças matrimoniais. Num estrito âmbito regional ou sub-regional, tal circulação reforçaria laços de coesão social, além de poder contribuir para produzir a manutenção de “modas de produção”, nomeadamente de cerâmica (COLOMER & SOLSONA, 2005). Num âmbito mais alargado ou transregional, tal circulação poderia ser responsável pela escassa, mas verificável, percolação de peças cerâmicas entre grupos regionais e, sobretudo, pelo rápido desenvolvimento das tecnologias metalúrgicas e difusão de modelos metálicos entre elites locais (SENNA-MARTINEZ, 1996).

Recentemente, o estudo da metalurgia do Grupo Baiões/Santa Luzia (SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2011; FIGUEIREDO, 2010) permitiu caracterizar e interpretar técnica e socialmente um importante conjunto de evidências fazendo da metalurgia deste grupo regional uma das melhor conhecidas do Bronze Final Peninsular.

As principais características desta metalurgia são assim:

- Produção primária de bronzes binários (Cu, Sn) com uma composição distinta e que se deveria basear num acesso regular a fontes de estanho, muito provavelmente sustentada pela exploração de recursos regionais.
- Em muito menor escala obtenção de cobre para usos particulares (rebites, objectos de adorno a serem dourados...).

- O estudo de escória e de nódulos de redução do CSGB (FIGUEIREDO *et al.*, 2010 a) é fortemente sugerente de que o método de redução do metal consistiria numa co-redução de malaquite e cassiterite em “open-vessel” (“vasilha-forno”). Este processo, muito simples e de baixa rentabilidade, é totalmente compatível com a restante evidência arqueográfica.
- As análises composicionais de restos metálicos e de artefactos, dos sítios estudados, revelaram uma grande consistência de processos metalúrgicos e de métodos empíricos de produção de bronze, não obstante as diminutas quantidades de metal processado em cada sítio. De notar a consistência em todas as colecções analisadas da proporção de estanho (média de 12,7±1.9 % – FIGUEIREDO, 2010)
- As possíveis explicações para o bom controlo empírico de produção das ligas⁴ devem ter em consideração que, enquanto a produção primária de metal por co-redução de minerais de cobre e estanho implicaria um controle muito bom de cargas, a reciclagem (que também foi possível demonstrar pela primeira vez)⁵ e a selecção de “prills” para as fundições, implicariam que estes materiais proviessem provável e principalmente de produções anteriores locais e/ou regionais dentro de um mesmo *standard* empírico de limites de variação.
- Está documentada fundição em moldes simples, múltiplos e de cera perdida.
- Uma grande variedade de tipos de trabalho termo-mecânico afectou os artefactos produzidos:
 - Longos ciclos de “trabalho de forja” (aquecimentos seguidos de percussão) sobre barrinhas ou arames metálicos para dar-lhes forma, produzir espátulas, punções, fíbulas, etc.
 - Um trabalho mais localizado para dar forma e afiar gumes (de machados, cinzéis, pontas de lança, etc.).
 - Peças muito próximo de como saíram do molde, por vezes ainda com vestígios de rebarbas de fundição.
- Embora a grande maioria dos artefactos produzidos em bronze no Grupo Baiões/Santa Luzia sejam de tipologia atlântica, existem evidências claras revelando a entrada precoce neste mundo centro-atlântico peninsular de algumas peças e, sobretudo, de modelos metálicos de origem mediterrânica, ainda no último quartel do II milénio a.C.:
 - Fíbulas de enrolamento no arco “tipo Roça do Casal do Meio” (sécs. XIII-XI cal BC).
 - Primeiros ferros: Faquinha afalcatada e 2 fragmentos disformes (sécs. XIII-XI cal AC – SENNA-MARTINEZ, 2000 b).
 - Fíbulas de cotovelo “tipo siciliano” (sécs. XI-X cal BC?).
 - Fíbula de dupla mola (sécs. IX-VIII cal BC).
 - Técnica de dourar por difusão térmica (sécs. XIII-XI – FIGUEIREDO *et al.*, 2010 b).
 - Um último grupo de artefactos de origem tipológico mediterrânico constituem-no os ponderais (VILAÇA, 2003) de que se conhecem exemplares nos povoados de Canedotes, Baiões y de Santa Luzia.
- Está documentada sobre-fundição (FIGUEIREDO *et al.*, 2011) para o fabrico de peças compostas.

Como consequência do estudo acima sumariado, podemos dizer que todos os processos metalúrgicos documentados são compatíveis com uma situação em que a produção/redução de metal e o seu trabalho posterior constituiriam actividades simples as quais, mesmo implicando um *know-how* empírico muito específico e geral (quer dizer sem sub-especialização), não necessitariam de grandes ou especiais infra-estruturas, sendo perfeitamente

⁴ “...Most probably, among these LBA communities, “control” must be understood in the basis of a trial and error practical experience, which nevertheless, led to an empirical deep understanding of the materials behaviours and characteristics...” FIGUEIREDO *et al.*, 2010 b, p. 1633.

⁵ “...The presence of partially heat-distorted fragments of artefacts with equiaxed grain microstructure suggests recycling operations rather than faulty castings. Also, the assemblage of metallic nodules with worked microstructures and tin contents similar to the artefacts suggests that these might be parts of artefacts or other metallurgical remains (e.g. seams and splashing droplets) gathered for recycling...” FIGUEIREDO, *et al.*, 2010 b, p. 1633.

adequadas a uma forma de produção doméstica e em tempo parcial, conforme o modelo que vimos propondo já há algum tempo (SENNA-MARTINEZ, 1996; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000).

O papel da metalurgia no desenvolvimento das elites sociais do Bronze Final Peninsular (expresso no maior número de artefactos, com maior variedade tipológica, bem como formas e técnicas de produção mais complexas) tem vindo a ser por nós enfatizado (SENNA-MARTINEZ, 1996). De tal modo que um acesso fácil a fontes dos respectivos minérios pode ser visto como uma vantagem competitiva e, nomeadamente no caso das Beiras Portuguesas onde os principais recursos seriam o estanho e o ouro, constituir um elemento susceptível de influenciar a localização de alguns dos povoados emergentes (SENNA-MARTINEZ, 1996; VILAÇA, 1995).

A bem conhecida inexistência de lingotes de estanho no Ocidente Peninsular durante a Idade do Bronze, associada à demonstração de uma produção de bronze, até ao Bronze Final, por co-redução de minérios de cobre (carbonatos ou óxidos) com cassiterite, militam a favor de uma circulação, provavelmente em quantidades limitadas, da própria cassiterite, proveniente maioritariamente de “garimpo”. A importância das fontes de cassiterite das Beiras Portuguesas e Noroeste Peninsular (Minho, Trás-os-Montes e Galiza) parece assim óbvia, para aquelas áreas em que tal recurso é escasso ou inexistente (nomeadamente em *placers* aluviais de fácil acessibilidade), como a maioria da Península a sul da Bacia do Tejo.

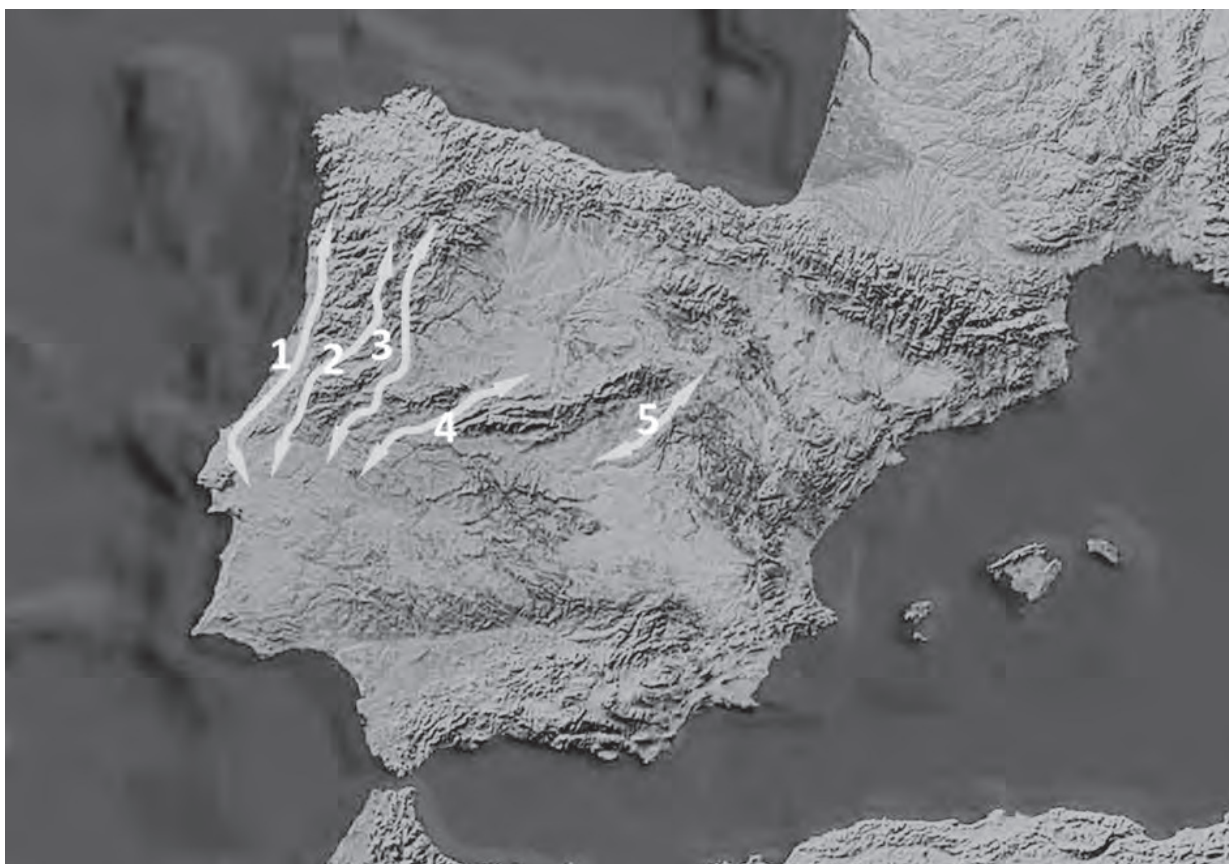


Fig. 2 – O Tejo e as vias de trânsito norte/sul através do Maciço Calcáreo e do Maciço Central: (1) planície litoral a ocidente das serras do Maciço Calcáreo até às portelas a ocidente do Montejuento; (2) corredor interior Coimbra/Tomar/Santarém; (3) corredor que liga o Nordeste Transmontano à Beira Transmontana (leia-se a Bacia do Côa, à Beira interior) e, passando o Tejo pela via (2), ao Nordeste Alentejano; (4) eixo Cáceres/Salamanca/Ávila (entre as serras de Gatas e Gredos); (5) eixo Madrid/Ávila (pela Serra de Guadarrama).

As principais vias de acesso, relativamente directo, às principais áreas produtoras, a partir da metade sul peninsular são os tradicionais corredores de passagem do Maciço Central Ibérico (Fig. 2), em particular aquele que liga o Nordeste Alentejano e Baixo Tejo através da Beira Interior, Beira Alta e Transmontana a Trás-os-Montes e restante Noroeste (Fig. 2-3). Este é o “corredor” sul-norte marcado durante o Bronze final pela ponta norte-ocidental das chamadas “rotas das estelas estremenhas” (ou “*de guerrero*” – NUNES, 1960; NUNES & RODRIGUES, 1957; RUIZ-GÁLVEZ, 1995; RUIZ-GÁLVEZ & GALÁN DOMINGO, 1991; GALÁN DOMINGO, 1994). Por esta via deverão ter transitado quer influências de origem setentrional (Atlânticas) para sul quer de origem meridional (Mediterrânicas) para norte.

Com um último núcleo coerente a norte na zona do Sabugal⁶, na fronteira entre as duas Beiras, a distribuição destes testemunhos iconográficos, sob a forma da variante de “estelas panóplia” (só com figuração de armas), viu a sua distribuição ao longo da via Alto Côa/Trás-os-Montes Oriental/Galiza reforçada com a descoberta dos exemplares de Tojais (Montalegre – Fig. 3) e da Pedra da Atalaia 2 (Celorico da Beira – Fig. 4) e, ainda mais recentemente, da Pedra Alta (Castrelo do Val, Ourense – Fig. 5) na Galiza⁷. Parece-nos, assim, que podemos falar de um extenso “corredor” norte-sul através das áreas produtoras de estanho deste interior do Ocidente Peninsular.



Fig. 3 – Estela de Tojais, Montalegre (sg. ALVES & REIS, 2011 – adaptada).



Fig. 4 – Estela da Pedra da Atalaia, Celorico da Beira (sg. VILAÇA, SANTOS & GOMES, 2011 – adaptada).

Num momento avançado do Bronze Final (Sécs. X-VIII a.C.) a Estremadura Atlântica (ou Portuguesa) costuma ser referida, desde há longa data, como constituindo uma espécie de “placa giratória” em torno à qual se organizariam as relações entre o Norte Atlântico e o Sul Mediterrânico peninsulares. Nós tendemos a pensar que mais

⁶ Situação reforçada com a descoberta recente da estela do Baraçal 2 (Vilaça, Osório e Santos, 2011).

⁷ http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/02/03/galicia/1328301594_419900.html



Fig. 5 – Estela da Pedra Alta, Castrelo do Val, Ourense (http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/02/03/galicia/1328301594_419900.html).

podem bem protagonizar, conjuntamente com um intensificar do movimento pela “rota das estelas”, um esforço de intensificação de contactos com as áreas produtoras de estanho das Beiras portuguesas.

Tal tentativa de intensificação parece não ter tido muito sucesso, dada a escassez de elementos materiais de origem orientalizante na segunda etapa do Bronze Final das Beiras portuguesas, nomeadamente no caso do Grupo Baiões/Santa Luzia (SENNA-MARTINEZ, 2011). O mesmo poderemos dizer do Grupo da Beira Interior onde nem sequer no caso do sítio da Cachouça (no sul da Beira Interior e próximo do Tejo – VILAÇA, 2007, p. 70-74) os materiais de origem segura orientalizante (francamente minoritários no conjunto da cultura material local –

do que a Estremadura são as duas grandes vias de acesso ao interior (como quem diz ao estanho e ouro das Beiras⁸) que os cursos terminais (e respectivas rias) do Tejo e do Mondego enformam, que importa colocar em contraponto aos percursos terrestres mais interiores.

Se a chegada de decoração cerâmica por “ornatos brunidos” ao sul da bacia do Tejo e às Beiras Portuguesas⁹ pode validar tais percursos interiores, são as produções metálicas de “modelo” mediterrânico nos mundos Baiões/Santa Luzia e da Beira Interior (primeiras fíbulae, ponderais, técnica de douramento – cf. SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2011 b), a que se juntam as importações dos primeiros ferros, que permitem uma conexão cultural bem mais forte e segura com os mundos mais meridionais e sugerem a importância da chamada “rota das estelas estremenhãs”.

Ainda recentemente chamámos a atenção para as escalas diminutas de produção de metais (nomeadamente de bronze) nas sociedades peninsulares do Bronze Final e, em particular, das Beiras (SENNA-MARTINEZ, 2005). Serão, aliás, as diferenças “de escala”, na produção metálica e na própria dinâmica económica, entre Oriente e Ocidente da Bacia Mediterrânica as grandes responsáveis por algumas dificuldades que pensamos ter sido sentidas por Fenícios e Púnicos no acesso a estes importantes recursos nomeadamente ao estanho.

Com o desenvolvimento da influência orientalizante no Sul e Centro Atlânticos Peninsulares – entre o final do século IX a.C. e a primeira metade do século VI a.C. – estamos em crer que o estabelecimento dos *ports of trade* de Santarém e Santa Olaia (ARRUDA, 1999/2000)

⁸ Este é o momento (sécs. X-VIII a.C.) em que algumas das comunidades interiores do Bronze Final atingirão o seu apogeu, de que a riqueza dos materiais recuperados no singular sítio beirão do Castro da Senhora da Guia de Baiões dá eloquente testemunho.

⁹ Se, de facto, forem aqui de origem meridional. Vide discussão em Reprezas (2010, p. 108-109).

VILAÇA, 2007; VILAÇA & BASÍLIO, 2000) são suficientes para podermos falar de uma mudança local para o que, a sul, designamos como Primeira Idade do Ferro.

Conforme referimos acima, para nós o papel fundamental na circulação de modelos e na alguma circulação material existente entre os grupos regionais do Bronze Final peninsular passa pelas “redes de solidariedades” entre elites. De um ponto de vista que poderíamos chamar “macro económico” o único senão de tal modelo tem que ver com a “baixa intensidade” da circulação material nele implícita.

Parece-nos significativo que, nomeadamente nos grupos das Beiras, os principais elementos que poderemos vincular a raízes culturais mediterrânicas, durante o Bronze Final – fíbulas, ponderais, técnica de dourar e primeiros ferros – sejam elementos maioritariamente conectáveis com a ostentação social. A forte possibilidade de fabrico local/regional das fíbulas e até dos ponderais (SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2011, p. 418) fala-nos muito mais de uma circulação de “ideias/modelos” do que de efectivo trânsito material.

Se este modelo parece adequado ao tipo de relações entre comunidades do Bronze Final, ele poderá ter colocado dificuldades grandes ao que chamariamos as “tentativas de intensificação” de relações por partes dos centros meridionais e atlânticos conectados ao “mundo orientalizante”. Questões de escala... Particularmente exemplificativo de tais dificuldades é o caso do “entreposto” orientalizante de Santa Olaia na ria do Mondego.

Funcionando entre finais do século VIII a.C. até ao VI a.C. (ARRUDA, 1999/2000), a presença fenícia em Santa Olaia parece poder ter feito parte do esforço de acesso aos metais do *interland* beirão que atrás referimos. Se esta foi a razão principal do esforço de instalação desta comunidade de mercadores, as baixas produções registadas nos sítios estudados do “Mundo Baiões/Santa Luzia” (SENNA-MARTINEZ, 2005) fazem-nos pensar que o metal eventualmente captado do interior poderia ser escasso. Tal poderá ter sido compensado com o desenvolvimento de uma capacidade produtiva de metal local em Santa Olaia (provavelmente ferro – ARRUDA, 1999/2000, p. 238-239), assim encarada como uma solução alternativa ao fracasso das intenções iniciais.

As necessidades alimentares de Santa Olaia e dos seus “clientes” indígenas do âmbito litoral em torno à ria do Mondego (povoados de Tavadrede e Conímbriga – ARRUDA, 1999/2000, p. 239-240, 243, 252) e o processo de intensificação e transformação económico-social desencadeado pela instalação fenícia podem ter feito da captação de escravos no *interland* uma actividade complementar, uma vez esgotadas as virtualidades de formas mais pacíficas de relação, enquanto forma de eventual captação de metal. As vítimas do processo terão sido as populações do mundo Baiões/Santa Luzia constituindo este processo uma das razões (senão a razão determinante) por detrás do respectivo colapso que parece centrar-se nos séculos VII a VI a.C. (SENNA-MARTINEZ, 2011). Contrapondo-se à continuidade de desenvolvimento de Conímbriga e Tavadrede, a aparente invisibilidade arqueográfica das bacias interiores do Mondego e Vouga entre este momento e o séc. III a.C. resulta, quanto a nós, daquele processo.

A sul do Tejo e na Estremadura Atlântica são os contactos orientalizantes o factor de ruptura entre um mundo indígena – conservador e com um tipo de organização política que não parece ultrapassar, nalguns casos, formas incipientes de chefado – e as civilizações do Mediterrâneo Oriental, já com estruturas de tipo estatal, induzindo nessas áreas do Ocidente Peninsular uma “revolução urbana” que funciona como início de um novo período histórico que designamos como Idade do Ferro.

Nos espaços interiores peninsulares e com extensão até ao respectivo litoral noroeste os processos parecem contudo ser distintos, com o pleno estatuto urbano a ser atingido pelas comunidades indígenas apenas com a Romanização (RUIZ ZAPATERO & ALVAREZ-SANCHÍS, 1995; SILVA, 1995). A Idade do Ferro não tem por isso nestas áreas pleno cariz urbano no que tal implica de correlativas transformações socioeconómicas.

A “revolução urbana” implica a ruptura das “formas domésticas de produção” de fraca circulação, dominantes nos mundos indígenas do Bronze Final, com o início de formas de “produção em oficina” para circulação mercantil, razão porque a predominância estatística de olaria a torno tem constituído o referente arqueográfico mais

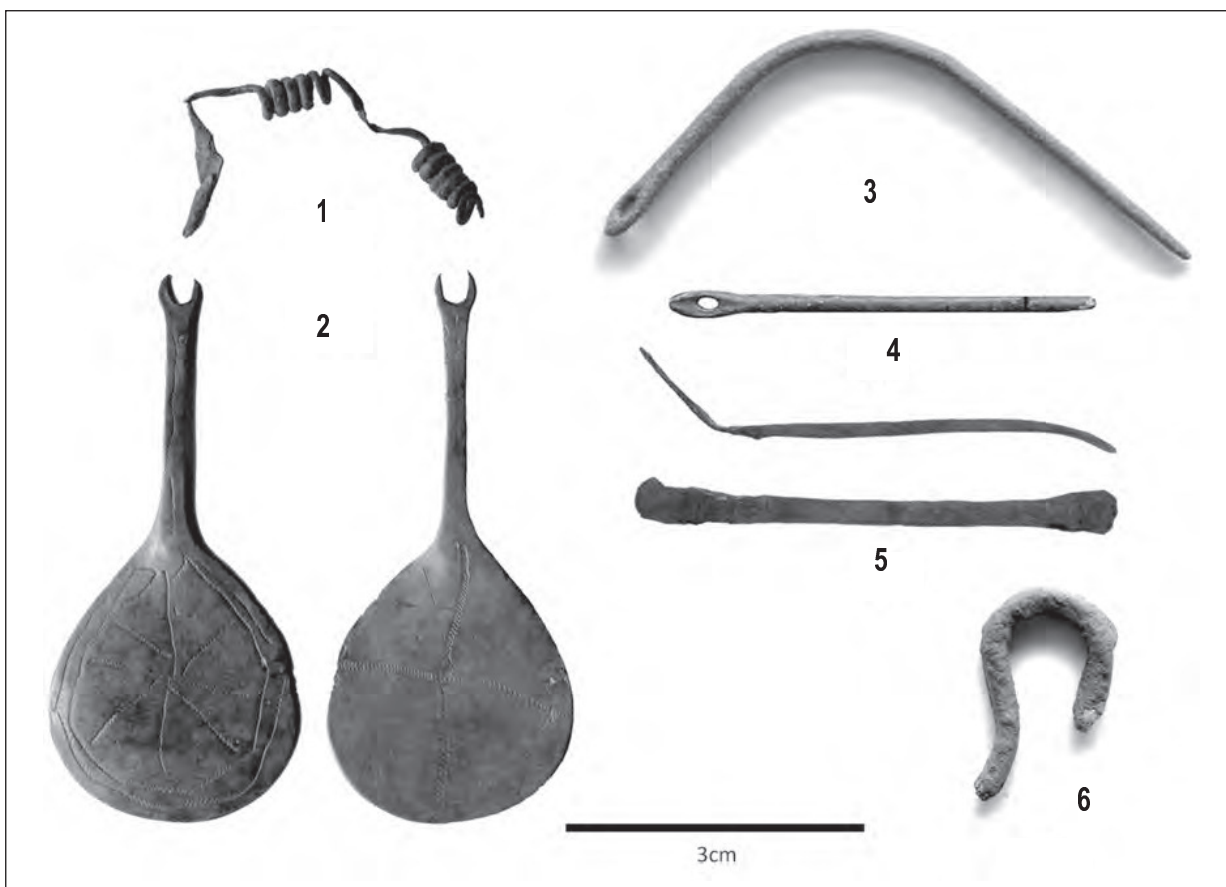


Fig. 6 – Conjunto de artefactos em bronze de cariz orientalizante do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos: 1 – Fíbula de dupla mola; 2 – Pendente; 3 e 4 – Agulhas; 5 – Espátula para cosméticos; 6 – Fragmento de fivela de cinturão.

imediatamente de tal transformação. Nos espaços que vimos referindo, essa e outras rupturas arqueográficas¹⁰ apenas ocorrem em momentos que normalmente se designam como de “Segunda Idade do Ferro” a partir do século V a.C. razão que leva alguns autores a colocar aí o começo da Idade do Ferro (por ex. MARTINS, 1990; BETTENCOURT, 2005), negando a existência regional de uma “Primeira Idade do Ferro” idêntica à das áreas peninsulares mais meridionais, opinião que tendemos a partilhar.

Contudo, é também Ana Maria Bettencourt (2005) quem nos vem propor que, pelo menos para a área minhota senão para todo o Noroeste Peninsular, se considere, nestes espaços regionais a partir de finais do século VII a.C. e até ao início da Idade do Ferro entre os séculos V-IV a.C., um “período de transição Bronze/Ferro” (*Idem Ibidem* p. 31), assumindo também a possibilidade de assimetrias e *nuances* regionais dentro deste largo espaço.

Deste modo, se nos espaços mais litorais entre o Mondego e Galiza a via marítima continua a introduzir alguns elementos meridionais¹¹ durante esta etapa transicional, no nordeste transmontano os caminhos e processos terão provavelmente sido outros.

¹⁰ Como a plena “petrificação” construtiva dos habitats (BETTENCOURT, 2005, p. 26).

¹¹ Refiramos apenas, no âmbito crono-cultural que aqui nos ocupa, a presença dos tipos Acebuchal e Bencarrón entre as fíbulas de Santa Olaia, Tavarede e Conímbriga (ARRUDA, 1999/2000) e, mais a norte, no sítio do Coto da Pena (Caminha – SILVA, 1990, p. 144). Também na Galiza se conhecem fíbulas Acebuchal nos castros de Neixón (AYÁN VILA *et al.*, p. 2011), Coto de Altamira e Coto Liboreiro e Acebuchal e Bencarrón no de Peneda do Viso (FARIÑA-BUSTO & ARIAS VILAS, 1980).

Assim, se as relações litorais com o *hinterland* produtor de estanho parecem enfrentar dificuldades no final do “Período Orientalizante”, a via interior da “rota das estelas” não só se mantém como parece igualmente perpetuar ligações que, ao longo dos séculos VII e VI a.C., mantêm dinâmicas anteriores, privilegiando a difusão de objectos de prestígio, ou melhor dos respectivos modelos com origem em ambientes meridionais de cariz orientalizante, entre as elites indígenas.

Mais uma vez são predominantemente os modelos de fíbulas os protagonistas desta dinâmica onde, no entanto, surgem também elementos novos.

Como ilustração do que acabámos de dizer, vejamos o caso recente da descoberta no Nordeste Transmontano – no sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) e em ambiente cultural de um Bronze Final Tardio, eventualmente já transicional para a Idade do Ferro – de um notável conjunto de elementos metálicos de cariz orientalizante e situáveis dentro daquela diacronia (sécs. VII-VI – SENNA-MARTINEZ *et al.*, no prelo)¹².

O conjunto destes elementos engloba partes de 11 fíbulas (Figs. 6-8), aparentemente variantes locais de tipos meridionais (6 de tipo Acebuchal, 2 de tipo Bencarrón, 1 de dupla mola e mais uma mola e um arco indeterminados), 1 pinça, 2 agulhas, 3 pendentes e 1 espátula de cosméticos, todos em bronze, além de 2 facas (uma com rebites em bronze), 1 punção 1 um fragmento de ferro. Análises já efectuadas associadas ao facto das fíbulas serem maioritariamente interpretáveis como “variantes” dos respectivos tipos meridionais (Senna-Martinez, *et al.* no prelo) apontam para um fabrico local/regional a partir de “modelos importados” tal como no caso das produções de bronzes de “tipo atlântico” do Bronze Final (SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2011).

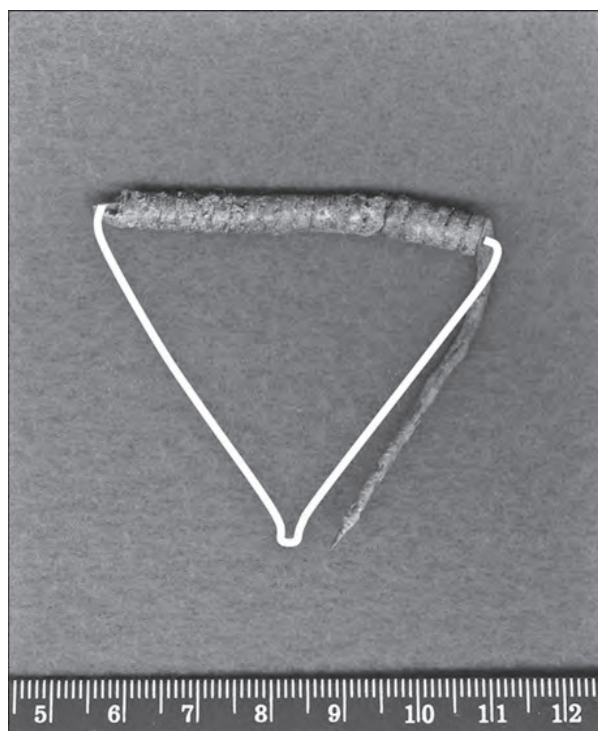


Fig. 7 – Pé e alfinete de fíbula de tipo Acebuchal do Sector M da Fraga dos Corvos (FCORV-M 10532).



Fig. 8 – Arco e mola de fíbula de tipo Bencarrón da Fraga dos Corvos.

¹² Trata-se do maior conjunto conhecido em local tão setentrional e dentro da diacronia envolvida.

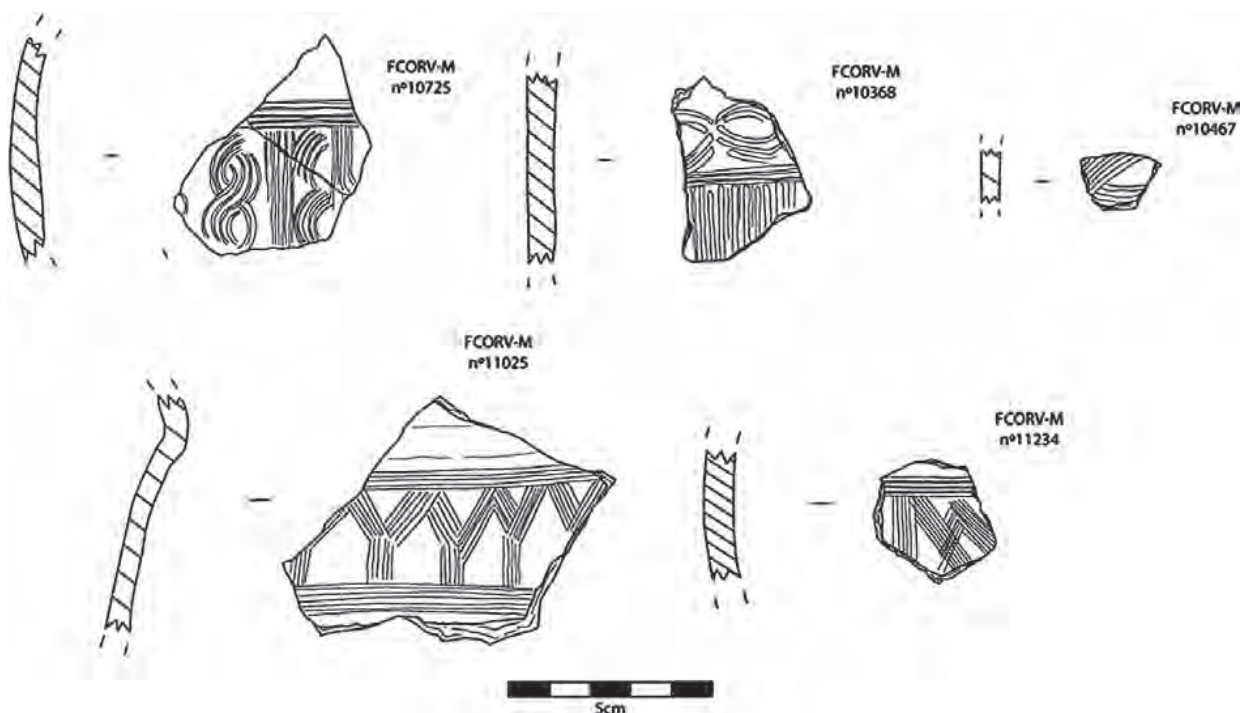


Fig. 9 – Fraga dos Corvos, cerâmicas com motivos decorativos penteados do Sector M (seg. Reprezas. no prelo, Fig.4).

Um primeiro estudo sobre os materiais cerâmicos que, no Sector M da Fraga dos Corvos, acompanham alguns destes materiais metálicos (Reprezas, no prelo) permitiu clarificar a diacronia sugerida pelos materiais metálicos (finais do século VIII a.C. a inícios do VI a.C.). Particularmente importante parece ser a presença de “cerâmicas penteadas” (Fig. 9) remetendo para eventuais relações com o “mundo Soto” da Meseta Norte (ALVARO-SANCHIS, 1999) e situáveis entre o final do século VII a.C. e a primeira metade do século VI a.C. A Cronologia proposta coloca este sítio arqueológico na “primeira fila” da problemática da transição Bronze Final/Idade do Ferro no Nordeste Transmontano para onde já apontava a presença de cerâmicas idênticas no Castro de Palheiros (Murça – SANCHES, 2008, p. 134) indicação segura de que outros sítios transmontanos poderão vir a integrar esta problemática.

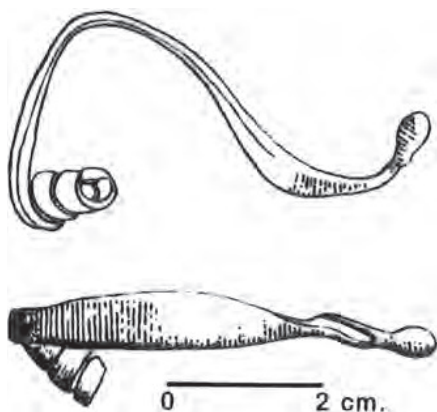


Fig. 10 – Sabugal Velho. Fibula do tipo Achebupal (seg. OSÓRIO, 2005, Est. 19-4).

Acresce ao que vai dito que os últimos anos vieram a revelar na região do Alto Côa¹³ outro foco de povoados com cerâmicas deste tipo (OSÓRIO, 2005 e 2009). De um deles, o sítio de Sabugal Velho (Fig. 10), provém igualmente uma fibula de tipo Achebupal (OSÓRIO, 2005, p. 44 e Est. 19-4). Podemos, deste modo, falar de um troço da “rota das estelas”, correspondente à Bacia do Côa e prolongando-se para Trás-os-Montes Oriental onde às influências meridionais parecem somar-se outras meseténha. Próximo deste troço, encostado já do lado

¹³ Área que cavalga a zona em que surge o último núcleo coerente de “estelas panóplia” e em que a “rota das estelas” atravessa as “zonas de trânsito” e “portelas” que ligam a Beira Alta à Beira Interior.

espanhol, o povoado de Picón de la Mora (Salamanca – MARTÍN VALLS, 1971) vê igualmente a convivência de cerâmicas penteadas (Fig. 11) com fíbulas de tipo Acebuchal e de dupla mola e uma agulha em bronze (ALVARO-SANCHIS, 1999, p. 72, Fig.18).

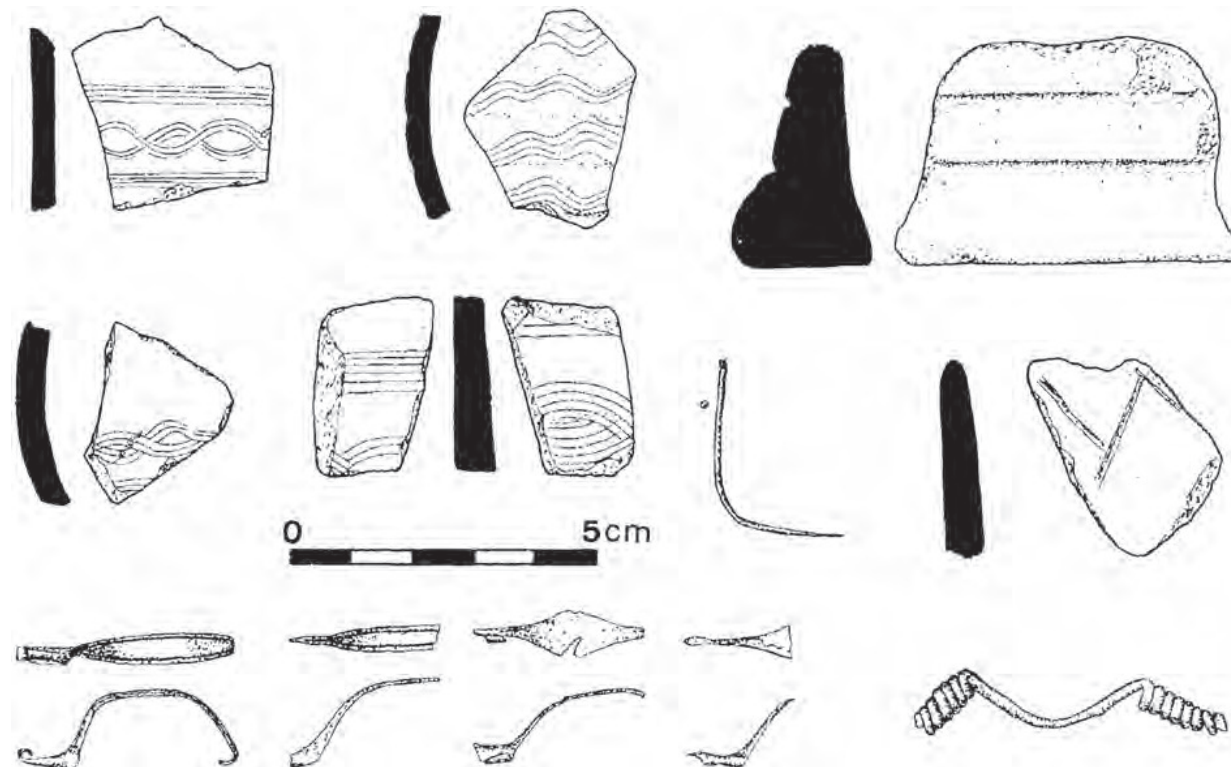


Fig. 11 – Picón de la Mora, Salamanca. Cerâmica penteada, fíbulas de tipo Acebuchal e de dupla mola e agulha de bronze (seg. ALVARO-SANCHIS, 1999 – adaptado).

Esta associação entre fíbulas “tardo-orientalizantes” e as primeiras cerâmicas penteadas conectáveis com o “mundo Soto” repete-se aliás no extremo norte da nossa “via 4” de trânsito pelo Maciço Central (Fig. 2-4). Daí, do povoado de Las Paredejas (Berrueco, Salamanca – FABIÁN, 1986-1987, p. 281 e Fig. 4), provêm igualmente cerâmicas penteadas e fíbulas de dupla mola, Acebuchal e Bencarrón (Fig. 12).

Esta continuidade de ligações culturais de raiz meridional que parece recobrir a transição Bronze Final/ Idade do Ferro ao longo da parte norte da “rota das estelas”, não parece contudo ter alterado o “*status quo*” vigente durante o Bronze Final. Contactos de baixa intensidade económica, seguindo provavelmente as redes de solidariedade entre elites e incidindo sobretudo em objectos e “modas de prestígio”. Aparentemente, teremos que aguardar a Segunda Idade do Ferro para que as populações das Beiras, Minho e Trás-os-Montes, à semelhança das da Galiza, Astúrias e Meseta Norte entrem por vias de decidida transformação socioeconómica no sentido da formação de chefados tribais complexos. Mas esta é uma problemática que transcende o âmbito destas notas.

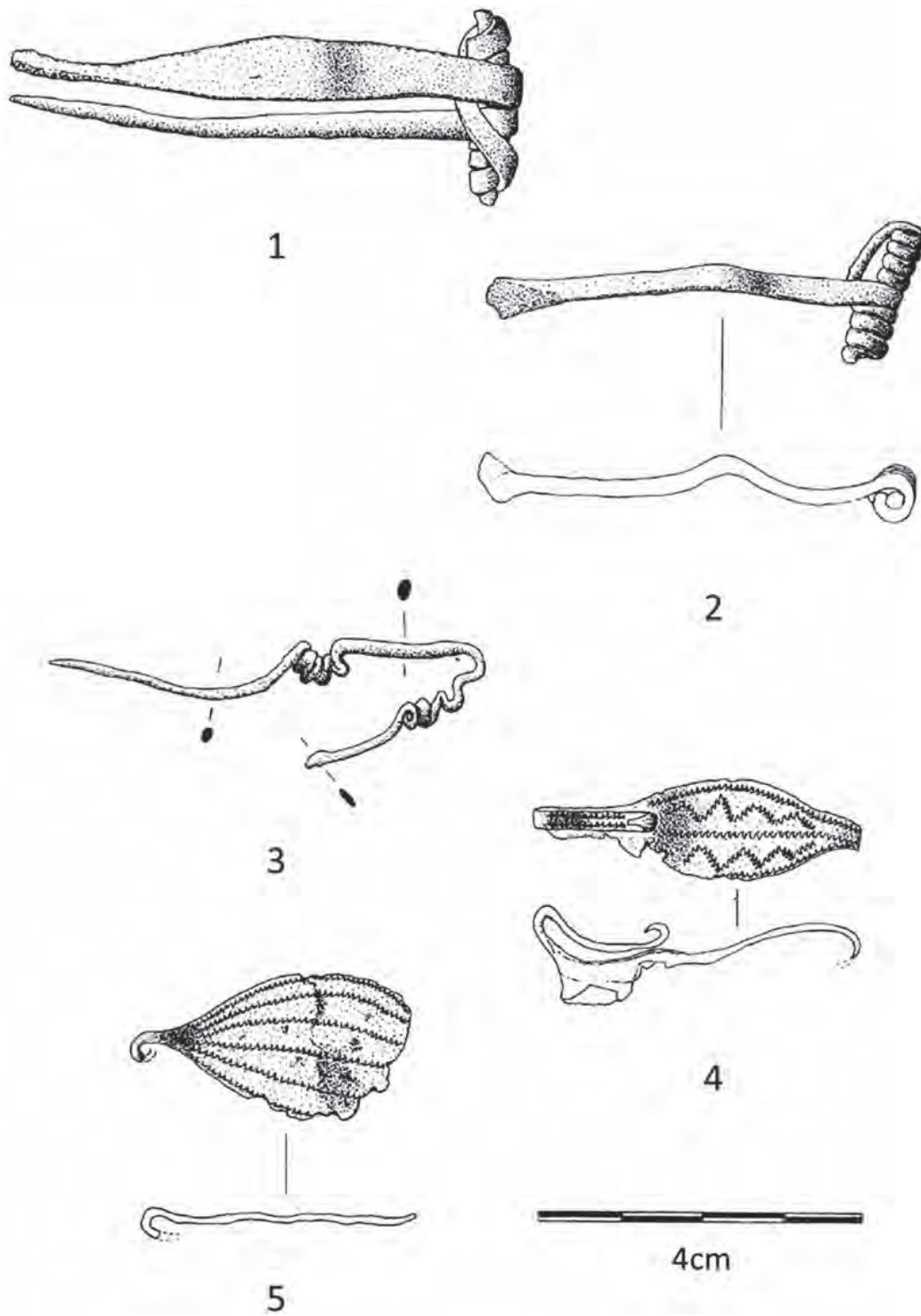


Fig. 12 - Fíbulas do povoado de Las Paredejas: 1 e 2 de tipo Bencarrón; 3 de dupla mola; 4 e 5 de tipo Acebuchal (seg. FABIÁN, 1986-1987 - adaptado).

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A.M. (1999/2000) – *Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona. «Cuadernos de Arqueología Mediterránea», 5-6.
- AYÁN VILA, X.M.; COSTA CASAIS, M.; TALLÓN ARMADA, R.; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R.M. e FRANCO FERNÁNDEZ, M.A. (2011) – Redescubriendo o Castro Pequeno de Neixón (Boiro, A Coruña). Nuevos Resultados de la Campaña Arqueológica de 2008. Lugo. *Férvedes*. 7, p. 159-168.
- BETTENCOURT, A. M. (2005) – O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Castro. Um Lugar para Habitar*. Penafiel. Museu Municipal. «Cadernos do Museu». 11, p. 25-40.
- CANHA, A. (2002) – *Canedotes – Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Policopiado.
- COELHO, J. (1947) – Alguns objectos de bronze da Beira Alta (Contribuição para o estudo do Bronze peninsular). *Beira Alta*. Viseu. 6 (3-4), p. 209-226.
- COLOMER i SOLSONA, L. (2005) – Cerámica Prehistórica y trabajo femenino en El Argar: Una aproximación desde el estudio de la tecnología cerámica. Margarita Sánchez Romero, *Ed. Arqueología y género*. Universidad de Granada, p. 177-217.
- FARIÑA-BUSTO, F. e ARIAS VILAS, F. (1980) – Aportazon ao estudo das Fíbulas Atopadas nos Castros Galegos. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães. Sociedade Martins Sarmiento. Vol. II, p. 183-195.
- FIGUEIREDO, E. (2010) – *A Study on Metallurgy and Corrosion of Ancient Copper-Based Artefacts from the Portuguese Territory*. Tese de Doutoramento em Conservação e Restauro. Universidade Nova de Lisboa.
- FIGUEIREDO, E.; SILVA, R. J.C.; SENNA-MARTINEZ, J. C.; ARAÚJO, M. F.; FERNANDES, F. M. B. e VAZ, J. L. I. (2010a) – Smelting and recycling evidences from the Late Bronze Age habitat site of Baiões (Viseu, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 37, p. 1623-1634.
- FIGUEIREDO, E.; SILVA, R. J.C.; ARAÚJO, M. F. e SENNA-MARTINEZ, J. C. (2010b) – Identification of ancient gilding technology and Late Bronze Age metallurgy by EDXRF, Micro-EDXRF, SEM-EDS and metallographic techniques. *Microchimica Acta*. 168, p. 283-291.
- FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C.; SENNA-MARTINEZ, J.C. e VAZ, J.L.V. (2011) – Characterisation of Late Bronze Age large size shield nails by EDXRF, micro-EDXRF and X-ray digital radiography. *Applied Radiation and Isotopes*. 69, p. 1205-1211.
- GALÁN DOMINGO, E. (1994) – *Estelas, paisaje y territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid. Editorial Complutense. «Complutum Extra», 3.
- JORGE, S. O. [1996 (1994)] – Regional diversity in the Iberian Bronze Age – on the visibility and opacity of the archaeological record. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 36, p. 193-214.
- KALB, P. (1978) – Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer Hohensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid. 19, p. 112-38.
- MARTINS, A. F. (1940) – *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*. Coimbra

- MARTINS, M. (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga. Universidade do Minho. «Cadernos de Arqueologia (Monografias)», 3
- NUNES, J.C. (1960) – A propósito da estela de Meimão. *Revista de Guimarães*. LXX, p. 86-108.
- NUNES, J.C. e RODRIGUES, A.V. (1957) – Dos nuevas espadas del Bronce Final en Portugal. *Zephyrus*. VIII (2). p. 279-285.
- OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. *Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior – Lusitanos e Romanos no Noroeste da Lusitânia*. Guarda, p. 35-65.
- OSÓRIO, M. (2009) – A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. P.J. SANABRIA MARCOS (Ed). *Lusitanos y vetones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres*. Museu de Cáceres. «Memorias». 9, p. 95-115.
- PEDRO, I. (1995) – *O povoamento protohistórico na região de Viseu*. Dissertação de Mestrado. Viseu. Universidade Católica Portuguesa. Policopiado.
- REPRESAS, J.L. (2010) – *A Cerâmica Decorada do Mundo Baiões/Santa Luzia*. Tese de MA em Arqueologia. Lisboa. Universidade de Lisboa. Policopiada.
- REPRESAS, J.L. (no prelo) – Existe uma “I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 10.
- RUIZ-GALVEZ, M.L. (1995) – *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid. Complutum, extra/5. Servicio de publicaciones de la universidad Complutense.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. y GALÁN DOMINGO, E. (1991) – Las estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales. *Trabajos de Prehistoria*. 48, p. 257-273.
- RUIZ ZAPATERO, G. e ALVAREZ-SANCHÍS, L.R. (1995) – Las Cogotas: *Oppida* and the Roots of Urbanism in the Spanish Meseta. B. CUNLIFFE e S. KEAY, Eds. *Social Complexity and the Development of Towns in Iberia*. Oxford. Oxford University Press. *Proceedings of the British Academy*. 86, p. 209-235.
- SANCHES, M. J. (2008) – *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça – Portugal)*. Murça. Câmara Municipal de Murça.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Lisboa. Universidade de Lisboa. 3 Vols. Policopiada.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993 a) – A ocupação do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Silgueiros, Viseu): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 1, p. 143-147.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1993 b) – A ocupação do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 1, p. 149-154.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994) – Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final Peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 2, p. 215-232.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1995) – O povoado do Cabeço do Castro de S. Romão. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa, p. 61-67.

- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1996) – The symbolism of power in Central Portugal Late Bronze Age communities. *Máthesis*. Viseu. 5, p. 9-21.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1999) – The Central Portugal Late Bronze Age: Contribution to a study on regional ethnogenesis. *Estudos do Quaternário*. Braga. APEQ. 2, p. 41-50.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000a) – O «Grupo Baiões/Santa Luzia» no Quadro do Bronze Final do Centro de Portugal. J.C. SENNA-MARTINEZ e I. PEDRO, Eds. *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia. p. 119-131.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000b) – O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: os dados do «Outeiro dos Castelos de Beijós» (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 6, p. 41-58.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2005) – O outro lado do comércio orientalizante: Aspectos da produção metalúrgica no pólo indígena, o caso das Beiras Portuguesas. *Anejos del Archivo Español de Arqueología*. Madrid. CSIC. XXXV, p. 901-910.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2011) – La «conexión lusitana»: contactos orientalizantes y búsqueda de estaño y oro en el Centro-Norte portugués. J.C. DOMÍNGUEZ PÉREZ Ed. *Gadir y el Círculo del Estrecho revisados. Propuestas de la arqueología desde un enfoque social*. Cádiz. Consejería de Innovación, Ciencia y Empresa de la Junta de Andalucía. p. 285-296.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. e PEDRO, I. (2000) – Between Myth and Reality: the foundry area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia Metallurgy. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 6, p. 61-77.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. e VALERA, A.C. (1995) – O Buraco da Moura de S. Romão. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa. p. 50-54.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C.; VALÉRIO, P. e VAZ, J. L. I. (2011) – Metallurgy and Society in “Baiões/Santa Luzia” Culture Group: Results of the METABRONZE Project. MARTINS, Carla B.; BETTENCOURT, Ana M.S.; MARTINS, José Inácio F.P. & CARVALHO, Jorge (eds.) (2011) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe*. Braga, CITCEM. APEQ. p. 409-425.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPREZAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (no prelo) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português*. Série 5. 2.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VALERA, A.C.; TEIXEIRA, C. e VENTURA, J.M.Q. (1993) – A ocupação do Bronze Final da «Sala 20» do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. Colibri. 1, p. 125-136.
- SILVA, A. C. F. (1990) – Influências orientalizantes na formação da cultura castreja do Noroeste peninsular. Lisboa. *Presenças orientalizantes em Portugal da Pré-História ao período romano*. Lisboa. «Estudos Orientais». I, p. 135-55.
- SILVA, A.C.F (1995) – Portuguese Castros: The Evolution of the Habitat and the Proto-Urbanization Process. B. CUNLIFFE e S. KEAY, Eds. *Social Complexity and the Development of Towns in Iberia*. Oxford. Oxford University Press. *Proceedings of the British Academy*. 86, p. 263-289.
- SILVA, C.T. (1978) – Cerâmica típica da Beira Alta. *Actas III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 185-96.

- SILVA, C.T. (1979) – O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul). *Beira Alta*. Viseu. 38(3), p. 509-531
- SILVA, C.T.; CORREIA, A. e VAZ, J.L.I. (1984) – Monte de Sta. Luzia. *Informação Arqueológica*. Lisboa. IPPC. 4, p. 124-125.
- SILVA, C.T.; CORREIA, A. e VAZ, J.L.I. (1985) – Castro de S. Luzia – 1982. *Informação Arqueológica*. Lisboa. IPPC. 5, p. 145.
- VASCONCELOS, J.L. (1917) – Coisas Velhas. *O Archeólogo Português*. Lisboa. XXII, p. 107-169.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa. IPPAR. «Trabalhos de Arqueologia». 9, 2 vols.
- VILAÇA, R. (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final/Ferro Inicial do território português. *O Archeólogo Português*. Série 4. 21, p. 245-288.
- VILAÇA, R. (2007) – A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC. Faro. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. p. 67-75.
- VILAÇA, R. (2008) – Reflexões em torno da “presença mediterrânea” no centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro. *Através das Beiras – Pré e Proto-História*. Coimbra. Palimage, p. 105-106.
- VILAÇA, R. e BASÍLIO, L. (2000) – Contributo para a Caracterização Arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior. Cerâmicas a Torno da Cachouça. *Almadan*. 9, p. 39-47.
- VILAÇA, R.; OSÓRIO, M. e SANTOS, A.T. (2011) – Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem. *Actas das IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, p. 343-367.